

UMA ESPECIALIZAÇÃO QUE VEM DA ESPECIALIDADE:

das aproximações entre revista e jornalismo especializado em *Vida Simples*

Copyright © 2011
SBP^{Jor} / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

FREDERICO DE MELLO BRANDÃO TAVARES
Universidade Tuiuti do Paraná

RESUMO Este texto problematiza sobre os processos que envolvem a constituição de uma revista segmentada voltada para uma grande temática, refletindo sobre como a partir de tal contexto tem-se a configuração de um tipo de jornalismo especializado. Parte-se de uma análise dos editoriais (cartas ao leitor) de *Vida Simples*, publicada mensalmente pela Editora Abril, observando como, ao falar de si mesma, a revista dá a ver seus traços específicos, que compõem tanto sua identidade editorial quanto caracterizam a “forma” de seu jornalismo, sua maneira de “ser revista”. No final do texto, aponta-se para como a temática da qualidade de vida, foco central da publicação, ao incorporar a lógica jornalística da revista e ser por ela incorporada, faz esta se revestir de uma especialidade que incide, consequentemente, sobre sua especialização.

Palavras-chave: Revista. Jornalismo especializado. Editorial. Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

Da revista como ponto de partida

No cenário de publicações impressas, a revista alcançou, historicamente, lugar de destaque na materialização e constituição do jornalismo especializado. Como afirma Martínez Albertos (1991), a revista é o veículo característico tanto do jornalismo especializado como da imprensa especializada.

Na revista há o texto verbal, expressão privilegiada da interpretação pela informação, assim como há o seu casamento com outros recursos visuais e a possibilidade de impressão de distintos “ritmos” de consumo e usos do conhecimento ali proposto. Na revista há a possibilidade de tratar certas temáticas de maneira elaborada – o que não significa apenas profunda – daquela de outros “jornalisms” impressos. Mais que isso, na revista encontra-se associada, de forma intrínseca, uma tríplice estrutura proposta para a especialização

periodística: meio, audiência e tema (QUESADA PÉREZ, 1998).

Segundo Quesada Pérez (1998), a tríplice estrutura do jornalismo especializado, mais que complexificar os elementos que compõem esse campo do jornalismo e sua prática, possibilita pensar a inter-relação fundamental existente entre eles para o “funcionamento” desse jornalismo, o que apontaria, a partir de sua dinâmica “universal”, para suas particularidades.

Dominique Marchetti (2002) parte de uma visão de que a articulação do campo do jornalismo gira em torno de dois polos – um generalista e outro especializado – e direciona-se “*aux propriétés des publics (et donc aux fonctions très différentes que les groupes sociaux onfèrent à la lecture des journaux par exemple) auxquels s’adressent les médias et les journalistes et, d’autre part, à celles des médias et des journalistes eux mêmes*” (MARCHETTI, 2002, p. 25). Nesse sentido, tal articulação, que também gera diferenciações, está relacionada a públicos e a características dos produtores da informação; e os graus de especialização dela oriundos estarão relacionados também ao tipo de suporte, às especialidades e à posição que os jornalistas e tais setores ocuparão na hierarquia interna das redações. Além disso, as áreas de especialização serão, de certa maneira, “reflexo” de uma estrutura social, o que faz com que exista um “ciclo temático” entre os meios de comunicação, ou melhor, um “fluxo de temas” que busca dar conta de demandas presentes na sociedade, respondendo a atravessamentos dos campos sociais.

No interior do jornalismo, publicações e produtos segmentados apresentam um jogo onde estão agregados leitores, anunciantes, jornalistas e um título em si mesmo (determinado por uma identidade, uma vitalidade própria), o que coloca em questão uma certa “totalidade” e um olhar específico sobre essa realidade.

Diante desse contexto, este artigo busca apontar para o sentido de singularidades que envolvem a natureza da especialização em uma revista. Discute-se sobre o lugar jornalístico que marca a ideia de um “ser revista”, expressão que dimensiona a especificidade de uma série de processos que marcam a natureza de um jornalismo dito “revistativo” (TAVARES, 2011), afirmado como próprio de um meio de comunicação e de uma prática jornalística.

Partindo da análise da revista *Vida Simples*, publicada mensalmente pela Editora Abril, problematiza-se sobre o que envolve a especialização deste produto, buscando apontar para a presença de uma especialidade jornalística que, quando materializada, singulariza aquilo

que, normativamente, toma-se como propriedade de uma especialização, ou seja, de um jornalismo dito especializado.

O que significa trazer a revista para a especialização jornalística sem afirmar isso como um fato dado? Sabendo que o jornalismo especializado procura se adequar a algum meio, o que este meio oferece para a configuração de uma especialidade da especialização? Que operações se dão a ver? Que adequações? O que significa dizer que há um tipo de jornalismo especializado em *Vida Simples*? Que especialização seria essa? Baseados numa análise de 108 editoriais da revista, onde a publicação fala de si mesma, buscamos apontar para tais questões. No dar-se a ver da própria revista, que aponta para a sua especialidade jornalística, pensa-se tanto sobre sua especialização quanto sobre o que marca a constituição desta.

Revista, especialização e *Vida Simples*

No contexto dos estudos sobre o jornalismo especializado, há uma grande tendência em associar a especialização a uma classificação temática. Nesse viés, o jornalismo especializado é, portanto, explicado pelo seu foco em temas específicos. É jornalismo especializado, dessa maneira, o “jornalismo econômico”, o “jornalismo esportivo” etc.

No âmbito do jornalismo diário, Érik Neveu (2006) casa o surgimento do jornalismo especializado ao crescimento das editoriais dentro das publicações. Tais seções, mais que apenas organizar o mundo em temas, funcionariam como “filtros”, coordenando “as definições implícitas e explícitas que os jornalistas fazem dos ‘seus’ assuntos” (NEVEU, 2006, p. 84). Mar de Fontcuberta (1993) afirma de forma assertiva que quando “*se habla de especialización no hay que referirse al tipo de medio o de audiencia sino a los contenidos*” (FONTCUBERTA, 1993, p. 50, grifo da autora).

Essa visada sobre os conteúdos permanece, de certa forma, em reflexão posterior, quando a autora associa a especialização jornalística à ideia do tratamento em profundidade, nos meios de comunicação, de um determinado campo do conhecimento. Segundo Fontcuberta (2006), o conceito de “periodismo especializado” possui um referente temático, sendo os temas sua autêntica “razão de ser”.

Nesse cenário, sendo a revista, como enfatiza Quesada Pérez (1998), talvez o meio jornalístico “mais especializado” e, como afirma Vilas Boas (1996, p. 69), “qualquer revista é especializada, já que pretende um público determinado”, é possível afirmar que sua especialização se dá apenas tematicamente? Se assim fosse, a especialização de *Vida Simples* estaria no

seu tratamento jornalístico a um só tema, a qualidade de vida? A resposta é negativa para ambos os questionamentos, encaminhando, então, nosso raciocínio tanto para a reflexão sobre a especialização na revista quanto para sua especialidade como meio jornalístico (que abarca um processo mais amplo, portanto) e a maneira como tais esferas se interpenetram.

Na produção jornalística, sabemos, é necessário pensar suas diferentes manifestações no interior dos meios de comunicação. As características da produção da informação jornalística indicam sobre a “totalidade incompleta” de seus conteúdos, sempre sujeitos a escolhas e a outros fatores que incidem sobre sua produção. Cada jornalismo dirá de uma certa maneira sobre determinado assunto. Ao tratar da realidade para a qual se volta, esta não estará “esgotada” em relação às suas possibilidades de abordagem, mas construída por meio de uma linguagem, de um aparato técnico e profissional; e envolta por um contexto institucional, social e material, que orientará direcionamentos e abordagens e que intervirá (de maneira constitutiva), também, em seu processo comunicativo.

Vida Simples é segmentada (trabalha com temas e públicos específicos) e também tem um jornalismo que possui uma especialização própria, o que pode ser inferido se a diferenciamos de outras publicações do mesmo segmento. No entanto, do ponto de vista da produção, como aponta seu redator-chefe Leandro Sarmatz (2008) em entrevista a nós concedida, não é possível afirmar que os “jornalistas que trabalham na revista sejam especializados”.

Assim, se não se pode afirmar que os jornalistas de *Vida Simples* são especializados – pois, como afirma Sarmatz (2008), muitos deles são colaboradores e trabalham para revistas diversas ao mesmo tempo e até para jornais, estando, por isso, e inclusive, fora da “especialização do ambiente da redação” – é possível, por outro lado, dizer que há uma perspectiva “de revista” e “da revista” que se traduz na maneira de sua produção e da produção de seus jornalistas (colaboradores ou não). O que podemos afirmar como algo que se expressa na forma de redigir, de expressar sobre as temáticas e que se encontra presente na revista. Algo que se dá a ver no interior de *Vida Simples*, em suas matérias e seções, e que se explicita pela própria publicação na maneira como ela mesma se apresenta, caracterizando-se, definindo-se e organizando-se.

A partir de uma análise de 108 editoriais da revista (103 edições regulares de agosto de 2002 a março de 2011 e mais 5 edições especiais), verificamos, pela fala de seus autores (editores, repórteres e redatores-chefe de *Vida Simples*, variando segundo a época da publicação),

como a revista dá a ver sua especialização jornalística a partir de sua especialidade própria (temática e de revista), sendo por esta tensionada e caracterizada. Alguns fragmentos dessa pesquisa, apresentados a seguir, ilustram essa lógica.

Configurações de uma especialidade: traços “revistativos”

Apesar de ser uma revista temática, que aborda temas, preceitos jornalísticos ligados a valores-notícia como a questão do tempo (época do ano), interesses do público e da sociedade, bem como a afirmação de sua periodicidade são relevantes em *Vida Simples*, enquadrando-a numa lógica jornalística. Mas há algo nela, um “jeito de ser”, que parece modificar tais características gerais, dando-lhes certas “especialidades”, conotando sua especialização.

Na apresentação desse formato jornalístico, os editoriais elencam alguns traços que permeiam a forma da revista. No que se diz sobre os textos, fontes e o visual da revista, isso fica evidente. Os editoriais assumem um certo didatismo e não só explicam a feitura e linguagem do material jornalístico, como advogam sobre tais pontos como constituintes de sua qualidade informativa e de seu diferencial.

O editorial de outubro de 2005 é exemplar desse processo. O texto evoca as questões jornalísticas mais gerais e as cruza com o fazer “revistativo” de *Vida Simples*, explicando e justificando este fazer e, ao mesmo tempo, exaltando sua singularidade.

A pretensão é que as reportagens da revista não sejam coleções de informações sobre um tema, redigidas de maneira que dê vontade de ler. Nada disso. Queremos que elas sejam autorais, que elas representem fielmente a verdade que o repórter construiu ao pesquisar o assunto. Em outras palavras, queremos que ele se convença daquilo que escreve. Ou que apresente francamente suas dúvidas ou limitações para entender o tema, se for o caso. Há quem veja nisso uma perda da tão propalada objetividade do jornalismo. Mas eu teimo em achar que essa é uma maneira honesta de contar uma história: assumindo a inevitável ignorância de quem tem como profissão falar de tudo quanto é assunto (Uma palavra..., Rodrigo Vergara, ed. 33, p. 16).

Esse colocar-se no texto, indicado ao jornalista, é também justificado na valorização da experiência de vida do repórter, tomando-a como mote para se falar de um tema e como referência para a construção jornalística que se pretende realizar sobre determinado assunto. Em fevereiro de 2007, o redator-chefe Leandro Sarmatz comenta sobre esse processo e como o olhar do jornalista incide no tipo de jornalismo que realiza a revista.

Mas as experiências, para nós, não significam apenas imprimir matérias em primeira pessoa. O testemunho dos repórteres serve

para que pensemos com mais profundidade sobre alguns temas. Não se trata de teste apenas para saciar a curiosidade [...], mas de um primeiro passo em nossa busca incessante pela informação mais essencial, mais esclarecedora. E – como sempre – escrita para você da forma mais honesta e cristalina (Uma palavra..., Leandro Sarmatz, ed. 50, p. 12).

O repórter é também, ele mesmo, apontado como uma fonte para as reportagens e outros textos, uma vez que sua narrativa, como indica a própria revista, não deve primar pela impessoalidade e valorizar a experiência. Como esclarece Vergara:

E onde é que a gente vai buscar essas informações preciosas? Ah, tem várias fontes. Tem os acadêmicos, claro: os professores de sociologia, psicologia, antropologia, filosofia, medicina. Tem também quem entenda de tradições milenares: medicina chinesa, tai chi ou ioga. Mas também vale, e muito, a experiência pessoal de cada repórter. Afinal para falar do que é humano, todo mundo tem algo a ensinar. E é por isso que muitas vezes os textos da revista começam ou terminam com depoimentos em primeira pessoa do autor. Não é cacete. É necessidade (Uma Palavra..., Rodrigo Vergara, ed. 33, p. 16).

Esse caráter “literário”/autoral do texto (visto no editorial acima, de outubro de 2005) é reafirmado algumas edições depois, quando Leandro Sarmatz, em janeiro de 2007, apresenta o texto escrito para a seção “Personagem” daquela edição:

Repórter atilada, observadora, sensível, curiosa e incansável (os adjetivos que definem os melhores repórteres, aqueles destinados a traduzir e a explicar a vida para todos nós), Marcia escreveu um perfil inesquecível de Krajcberg, daqueles para figurar em antologias do melhor jornalismo literário. Ela inquiriu o homem, conheceu a rotina do artista e trouxe à tona toda a força desse personagem fascinante que, depois de sobreviver à barbárie do Holocausto, teve a capacidade de se reinventar como homem e artista (Uma palavra..., Leandro Sarmatz, ed. 49, p. 12).

Em outras edições, entretanto, o editorial afirma uma “jornalisticidade” mais “pura” que perpassaria a revista, reafirmando ao leitor a natureza da informação que traz *Vida Simples*.

Tudo isso você poderá conferir de forma clara, didática e ilustrativa. Sem rodeios. Sem desvios. Até porque, em se tratando de um tema tão importante para todos como a terapia, é essencial ter foco, acertar na mosca, ir direto ao ponto (Uma palavra..., Leandro Sarmatz, ed. 55, p. 16).

Esses aspectos que apresentam a revista e seu jornalismo, afirmando sua identidade e sua forma de ser, norteando uma prática, um fazer, ficam explícitos desde o início da publicação, como já ressalta a quarta carta endereçada aos leitores:

Saber é muito bom, mas não saber pode ser melhor ainda: é isso

que nos transforma em buscadores. Assim, em vez de certezas, convicções e dogmas, temos lidado com dúvidas, especulações, suposições – coisas que, em outros ambientes jornalísticos soariam como heresia. O risco de sabermos é o risco de nos acomodarmos (Uma Palavra..., Otávio Rodrigues, ed. 4, p. 4).

O conhecimento jornalístico buscado e produzido pela revista, nesse sentido, é apontado desde um grau de simplicidade, traduzido pela afirmação de um jornalista humilde, que não “sabe sobre tudo” e, ao mesmo tempo, incansável, que não se acomoda. A revista mostra-se atenta à atualidade e, na construção desse conhecimento, indica a diversidade dos assuntos por ela tratados, assumindo, nesse sentido, mesmo que não seja esse o objetivo, um caráter de jornalismo especializado¹:

Nosso trabalho tem sido o de identificar o que há na ciência e em seus arredores, comparar, organizar esse conhecimento e dividi-lo com você. E sem preconceitos. Mostramos idéias inovadoras, práticas alternativas, religiões e vários outros temas controversos que, sim, abrem caminhos de uma riqueza inegável (Uma Palavra..., Otávio Rodrigues, ed. 7, p. 4).

E a constituição desse aspecto jornalístico (valorização de uma diversidade temática e de uma prática revistativa), que se pretende “refletido” nos textos, é marcada pelo destaque a um último ponto (o editorial 33, visto acima, também já indica tal traço). Trata-se da explicitação das fontes utilizadas pela matéria, apresentando as pessoas que participam da construção do conhecimento sobre o bem viver na e da revista e, também, reafirmando o papel do jornalista e do jornalismo de *Vida Simples*, como registra o editorial de maio de 2003:

A maioria das pessoas acredita que, do lado de cá, somos todos especialistas, nisso, naquilo ou em qualquer coisa. Bem, não dá pra falar aqui sobre outras publicações, mas esse, definitivamente, não é o caso de *Vida Simples*. Não há por aqui, ou entre os colaboradores, doutores em misticismo ou alguém com MBA em transcendência. E é provável que esse traço seja mesmo o que vem permitindo à revista dar tão certo (é, está dando bem certo). Não temos nada contra especialistas, muito pelo contrário: consultamos vários deles todo mês para embalar nossas idéias, aprofundar as pesquisas ou, claro, incluir suas opiniões em nossas reportagens (Uma Palavra..., Otávio Rodrigues, ed. 4, p. 4).

Assim, entre o generalismo e a especialização, os sujeitos produtores de/a revista ganham traços na formulação de seu perfil e as fontes consultadas têm sua autoridade construída, não apenas por seu saber sobre um assunto, mas pela presença deste na diversidade de saberes que a revista busca reunir e conceituar como harmônicos e decisivos para pensar “a” sua qualidade de vida. Já no primeiro editorial da revista, o jornalista Otávio Rodrigues chama a atenção para a adequação

da atuação do repórter (na busca de dados e fontes) aos propósitos da revista, elencando o viés da diversidade e do equilíbrio.

Para falar desses assuntos recorreremos às ciências formais, mas também às alternativas, às religiões, às filosofias orientais e às mais antigas sabedorias. Investigamos a respeito de como se conhecer mais, como viver com serenidade, como eliminar do cotidiano as falsas necessidades e os problemas que criamos para nós mesmos (Uma Palavra..., Otávio Rodrigues, ed. 1, p. 4).

Além de fontes “expertas” (jornalistas, especialistas, sábios, escritores etc.), as pessoas comuns também são fontes comuns nos textos da revista. Tanto como “cases” que ilustram aquilo que o jornalista pretende mostrar, tendo suas falas costuradas ao longo das matérias, como também protagonizam o material jornalístico produzido. Em seções como “Mente Aberta”, “Personagem”, cujo foco está em ações cotidianas que geram “notícia” e na construção de perfis de “gente comum”, isso fica bastante evidente. Ou então nas próprias reportagens de capa, como afirma o editorial de julho de 2004:

A boa notícia é que dá para aprender a ser assim. Quem nos conta como são as pessoas comuns, que viveram uma experiência traumática, viram a morte de perto e foram forçadas a enxergar o valor de poder respirar a cada dia. Falamos com vários desses sobreviventes. E a partir de agora dividimos com você a lição que aprendemos com eles (Uma palavra..., Rodrigo Vergara, ed. 18, p. 4).

Além do aspecto textual, um segundo traço da personalidade do formato da revista diz respeito à sua visualidade. Quando fala sobre imagens, projeto gráfico e “soluções” visuais para os conteúdos, os editoriais apontam para a maneira como os sentidos da revista também se dão por esse aspecto. Na edição de janeiro de 2006, cuja capa fala da “importância do período sabático”, a relevância do visual para a revista não só é afirmada, como também se explicam os significados buscados para a representação imagética criada para o tema. Uma espécie de “defesa” para a tradução de um conteúdo, mas que, na verdade, pode ser estendida no sentido de uma afirmação sobre a lógica visual que norteia a revista:

Por conta disso, na capa desta edição resolvemos estampar este conceito com um aviãozinho, daqueles que povoam nossas lembranças de infância. Ao viajarmos para um país distante ou para uma cidadezinha perdida em um rincão do país, é natural que a gente se sinta livre do cotidiano e comece a enxergar o nosso próprio mundo sob a ótica do viajante. Sem amarras, fica mais fácil descobrir o que realmente nos interessa e entender melhor duas questões tão cruciais quanto célebres: quem sou eu? Por que estou aqui? (Uma Palavra..., Marcia Bindo e Fernando Nageiborin, ed. 37, p. 14).

Ligado a essa produção (textual e visual), outro traço do processo “revistativo” apresentado diz respeito ao funcionamento da revista, que caracteriza sua identidade. No editorial de janeiro de 2004, na 13ª edição da revista, o editorial fala de *Vida Simples*, ao mesmo tempo em que chama a atenção para sua formulação editorial.

E como *Vida Simples* não é uma revista “alternativa”, mas de alternativas, recomendo a leitura de nossa reportagem de capa, sobre homeopatia, a prática médica que se propõe curar nosso corpo por inteiro. E não deixe de aproveitar o verão, tempo de tomar sol (sem abusar), pôr os pés na areia e na terra, cuidar do jardim, deliciar-se com a profusão de frutas do nosso país (principalmente na forma de sucos exóticos e irresistíveis). Tudo isso você encontra nesta edição de *Vida Simples* (Uma palavra..., Marcia Bindo, ed. 13, p. 4).

Os editoriais, assim, apresentam as temáticas que compõem a edição, indicando sua estruturação e fomentando de maneira “autorizada” uma cadência dos conteúdos e da publicação como um produto fechado, com uma lógica própria e que possui um contrato com seu leitor, firmado por um plano editorial indireta e mensalmente reiterado.

A seção Atitude, do grande educador, pensador e escritor Eugênio Mussak (que todo mês nos presenteia com artigos sobre mudanças positivas de comportamento), fala justamente da importância de assumirmos os riscos e não termos medo de enfrentar responsabilidades (Uma palavra..., Marcia Bindo, ed. 13, p. 4).

Esta edição ainda vai longe. Temos uma riquíssima discussão sobre o quanto está em nosso corpo a resposta para vários males que nos acometem. E o colunista Eugenio Mussak também investe nessa seara, com a inteligência e a clareza de sempre (Carta ao Leitor, Leandro Sarmatz, ed. 85, p. 12).

Sem perder o tom subjetivo, evocado pela presença dos sujeitos, a revista, muitas vezes, indica seu fazer também pela explicitação dos processos de escolha de suas temáticas. A contextualização em um tempo e em um espaço dimensiona a publicação no interior de um cotidiano, enfatizando a dimensão subjetiva de suas temáticas (sempre cruzada e justificada pela identificação entre profissionais e leitores) e o papel desta na constituição do seu jornalismo, como aquilo que costura os temas.

Nós, que vivemos falando da importância de viver o presente, somos os primeiros a lembrar que a passagem das datas comemorativas não muda nada. O tempo corre constantemente, não em saltos diários ou anuais. Mas as efemérides que a gente mesmo cria (e isso acontece há milênios) têm lá sua função. São lembretes, marcos nos quais a gente para, pensa, de vez em quando faz até uma festa. É como se celebrássemos quem somos, de preferência com bastante emoção, para que, daqui a um ano, quando a mesma data chegar, possamos lembrar quem éramos, o que fazíamos e o que aconteceu como nossos planos de então (Uma palavra..., Rodrigo Vergara, ed. 31, p. 12).

E se aparecem as efemérides criadas “por nós mesmos” (como aniversários, casamentos etc.), outros tipos de episódios pontuais (o aniversário de morte de Tom Jobim – edição de dezembro de 2006² –, por exemplo), os eventos periódicos (como a Copa do Mundo) ou acontecimentos de maior repercussão (morte de Michael Jackson – edição de julho de 2009) também estão presentes. Jornalisticamente, compõem o temário da revista ora como ganchos para as matérias da revista, ora como metáforas para apresentação dos assuntos que serão tratados em uma edição e que subjetivam o presente da revista de uma outra maneira, adequando-o, também, a um fazer noticioso, mas não menos pessoal.

Enquanto trabalhávamos nesta edição de *Vida Simples*, éramos assombrados pela notícia da morte de Michael Jackson, ídolo de toda a redação – e do planeta inteiro. (Só um momentinho que eu vou fazer um *moonwalk* para homenageá-lo e já volto) (Carta ao Leitor, Leandro Sarmatz, ed. 82, p. 8).

A presença do dia das mães, da morte de Michael Jackson e de vários outros assuntos “factuais” (verão, Copa do Mundo de futebol etc.) traz um tom de pessoalidade ao conteúdo jornalístico e também faz referência a um possível universo temático comum, compartilhado pelo leitor e presente em seu imaginário. A fala de Sarmatz sobre Michael Jackson é bastante ilustrativa nesse sentido. O acontecimento de sua morte é trazido para introduzir o tema da “coragem”, que é matéria de capa da edição daquele mês. O “ídolo” (Jackson) é apontado como símbolo de coragem, um tipo de coragem (entre vários outros), como ressalta o autor na sequência do editorial.

Esse “gancho temporal” e seu uso para introduzir ou enquadrar certas questões marca também um lado editorial forte da revista, que é o de valorização do saber ordinário, do senso comum, que povoa o *ethos* social. “Temas mais duros” da qualidade de vida são associados a questões culturais, fazendo-se uso de tópicos como nostalgia e brasilidade. E esses elementos, mais que apenas componentes de conteúdos e pautas, são tratados tanto como ferramentas para a construção prescritiva que perpassa a publicação e seus textos quanto sua singularidade. Pois falar de questões regionais, brasileiras, religiosas, nostálgicas (que remetem a uma época, a uma geração – como o próprio Michael Jackson) torna-se também uma maneira de dizer sobre o bem-estar social e individual propostos, caracterizando-os ao mesmo tempo.

[...] como é tempo de Carnaval, *Vida Simples* relembra a rica e divertida história das marchinhas – verdadeiras pérolas do humor, do encanto e da inteligência popular brasileira. “Chegou a turma do

funil..." (Carta ao Leitor, Leandro Sarmatz, ed. 89, p. 8).

E se, como vimos, certos pontos e conteúdos possuem uma motivação e propósito jornalísticos no sentido da informação que se produz, a recorrência desses conteúdos constrói um conjunto de temas que, dentro do universo temático da qualidade de vida, organiza, também, a forma do fazer da revista e sua concepção sobre a vida e o comportamento humano. O editorial de março de 2010 evidencia esse traço:

A reportagem de capa desta edição, a cargo da talentosa editora Marcia Bindo, está supimpa. É a segunda vez que o tema – sexo – aparece em nossa revista com tamanho destaque. A última ocasião em que isso aconteceu foi no já distante ano de 2004. Por que tanto tempo sem falar de um assunto tão importante? Porque justamente um tema de tal magnitude não deve se tornar carne de vaca, rotina, logorreia sem fim. O papel do sexo e do prazer em nossa vida nunca deve ser subestimado. Daí esperarmos tanto tempo: queríamos ter coisas novas, e inteligentes, para apresentar. Conseguimos (Carta ao Leitor, Leandro Sarmatz, ed. 90, p. 8).

Ao salientar a retomada de uma mesma temática, a revista justifica essa opção e destaca a importância do tema, que deve ser visto, também, pela complexidade que ele possui e pela diversidade que compõe seus traços e que, por isso, deve ser explorada sobre diversos ângulos. Retomadas que explicam o universo da revista e que direcionam sua especialidade e, conseqüentemente, sua especialização jornalística.

Da especialização que vem de uma especialidade: relações e globalidade

Comparativamente ao jornalismo diário, a presença de traços jornalísticos da e na revista podem ser vistos como dotados de certa particularidade. Se tomarmos os dizeres de Otto Gröth (*In FAUS BELAU*, 1966; 1965) e sua reflexão sobre as quatro características principais do jornalismo (Universalidade, Atualidade, Periodicidade e Difusão), a partir das quais existe uma inter-relação funcional, de onde emergem as leis da "ciência jornalística pura", o olhar sobre a revista ganha certas conotações. São essas relações funcionais, segundo Gröth, aquelas que oferecem fundamentos para pensarmos a diferenciação "de grau" existente entre jornais e revistas e desde onde podemos pensar a especialização deste produto jornalístico. Segundo Àngel Faus Belau (1966, p. 91):

La teoría de Gröth sobre la Revista es la más completa, científicamente, de cuantas conocemos. En ella se estudia la publicación y sus relaciones con el Periódico. Se da determinación de sus características, cosa hasta Gröth no realizada. Se establece una tipología para la clasificación de las revistas que es la más útil entre las existentes, ya que como expresé en otros trabajos, "las clasificaciones actuales se realizan de acuerdo con los contenidos

o con la Periodicidad”, como base de diferenciación entre Periódico y Revista.

As características da revista em relação ao jornal são tomadas segundo as limitações das características da primeira em relação ao segundo. Tal limitação, menos que um demérito, diz respeito a um recorte que a revista, em relação ao jornal, realiza.

Em relação às quatro características, as limitações assim se encontram presentes e chamam a atenção por alguns aspectos. Nas “limitações da universalidade”, menos que dizer que as revistas perdem em universalidade, vale dizer como esta se encontra “transformada”. É fato que as revistas tendem a dar uma “visão completa do mundo” – caso de *Vida Simples* e “sua” qualidade de vida –, apesar de este ser *a priori* um objetivo do jornal. No entanto, como propõe Gröth, as revistas não pretendem ser completas, mas em certo modo, “exclusivas”, o que incide também sobre sua atualidade.

El prototipo de esta “exclusividad” es la revista especializada, que limita su actualidad a un sector determinado del todo representado por la Universalidad. Su temática se concentra en terrenos y procesos de la vida estrechamente ligados entre sí, como pueden ser la moda, el deporte, los toros, las actividades manuales, etc. (FERNÁNDEZ DEL MORAL; ESTEVE RAMÍREZ, 1996, p. 141).

Com relação à “Periodicidade” e à “Difusão”, outros aspectos da “limitação” aparecem. Se temos uma limitação de atualidade pelos conteúdos, ela está diretamente ligada à periodicidade. Além disso, se o foco está na periodicidade, sua limitação, nas revistas, estará também ligada à “Universalidade”.

No caso de uma revista como *Vida Simples*, por exemplo, a “Periodicidade” cria uma repetição pensada de conteúdos, provocando uma intermitência editorial (a partir da distribuição dos conteúdos nas seções e no tempo) e do significado de qualidade de vida ali construído.

Em *Vida Simples*, portanto, pode-se dizer, do ponto de vista dos conteúdos e de como eles incorporam processos jornalísticos, que algumas das questões abordadas por Gröth ganham visibilidade. A “exclusividade” temática implica em uma seletividade de assuntos que interferem diretamente – pela sua recorrência – no tipo de completudes que se oferecem para o entendimento do que é tratado. Tal recorrência liga-se também à periodicidade da revista, entrelaçando-se a uma questão editorial, a um tipo de público (e, portanto, de uma coletividade) e a algumas questões factuais ou conjunturais (relacionadas ao presente no qual e do qual a revista fala). E tais questões, que, ao mesmo tempo, marcam os traços “revistativos” da publicação, dão a ela uma

lógica reflexiva e circular cujos processos dizem diretamente de sua “organicidade” e dimensionam os sentidos que se constroem sobre a qualidade de vida e sobre sua globalidade editorial.

Na edição de agosto de 2010, por exemplo, a presença de um assunto já abordado pela revista, novamente com destaque na capa da edição, é explicada e justificada pelo editorial, que antecipa o diferencial da reportagem em questão e a contrapõe àquela que antes havia sido realizada. Há, nessa diferenciação, não apenas um posicionamento de saberes distintos sobre o mesmo tema, mas o movimento de aprofundamento que a revista realiza sobre seus referentes. Como se comunicasse aos leitores sua busca pela completude dos temas e a realização disto, reiterando sua exclusividade.

Existem certos temas que se impõem. São questões maiores, mais substantivas, que mobilizam nosso raciocínio toda vez que aparecem. É por isso, também, que vale retornar a elas – até porque elas são inesgotáveis. É o caso, por exemplo, da reportagem de capa desta edição, mais um texto da safra prodigiosa de Liane Alves, que trata do perfeccionismo. [...] Se o leitor aí desse lado já percebeu, é praticamente a segunda vez que tratamos desse universo. Antes, em 2008, demos uma capa com a chamada “Ninguém é perfeito”. Hoje, estampamos “Perfeccionismo” em nossa capa. Claro que a busca pela perfeição e o desejo de ser perfeito não são atitudes idênticas. A primeira é uma condição natural, óbvia. Na segunda, a porca torce o rabo. Porque uma coisa é alimentarmos a (doce) ilusão da perfeição. Outra, completamente diversa, é trabalharmos nossa vida inteiramente para alcançar a perfeição em todos os aspectos possíveis. Luta inglória, como se pode imaginar – e que termina por estraçalhar a autoestima do sujeito (Carta ao Leitor, Leandro Sarmatz, ed. 95, p. 8).

Os temas de capa são norteadores das demais temáticas que permeiam a revista. A ondulação desses temas, num movimento de ida e volta e de permeabilidade pelas seções é característica marcante. Mas também há outras temáticas que ainda não atingiram o destaque de capa e, no entanto, são constantemente retomadas.

Nesse sentido, observando tal contexto, é importante relembrar que, sob o ponto de vista dos conteúdos que são agregados a cada assunto toda vez que este é retomado, a repetição dos temas opera também, constituindo uma série de conjuntos temáticos inacabados que, quando reunidos, dão a dimensão dos traços que constituem a qualidade de vida de *Vida Simples* e salientam sua “universalidade” distinta³. Dizem da sua condição de referente, como algo externo à revista e que pode ser formulada (a ideia de qualidade de vida como preceito geral para “quem quer viver mais e melhor”, *slogan* da revista), mas também como algo que lhe é inerente, presente dentro da lógica que a revista, como uma “loja de departamentos” – tal qual sua definição etimológica (TAVARES; BERGER,

2009) –, possui (um local onde se encontra “tudo” sobre a qualidade de vida, dentro de uma seletividade específica) e que, ao mesmo tempo, é singular, formatada por um conjunto de opções de conteúdo, escolhidos para constituírem “a” qualidade de vida revista de *Vida Simples*. Algo possível (ou possibilitado) pela sua (singular) “revistação”, seu processo jornalístico e comunicacional próprio (TAVARES, 2011).

Em meio ao caos do mundo, diz Ponte (2005), o jornalismo tenta dar a seus conteúdos um “sentido de coerência”, construindo a notícia a partir de alguns modelos, aproximando seus assuntos de consensos que permeiam as expectativas de sua produção. Do ponto de vista discursivo, relaciona-se à ideia de Charaudeau (2006) de que o sentido construído por toda informação “depende do tratamento que lhe é imposto”. E a inteligibilidade de seu conteúdo será “mais ampla (vulgarização) ou mais restrita (especialização), segundo os tipos de normas psicológicas, sociais ou ideológicas que terão sido contempladas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 43) em seu processo de transação. Processo este que diz, também, para além dos conteúdos a serem tratados, da relação primeira, que institui e conduz, pela linguagem, o ato informativo.

Assim, todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação. E isso também é verdade para o discurso de informação. O sujeito informador, capturado nas malhas do processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca (CHARAUDEAU, 2006, p. 42).

Diante do exposto, considerando a vontade jornalística em dizer do mundo, a dimensão relacional (seja pelo viés discursivo, seja por outro viés) existente nesse fazer, e lembrando os dizeres de Stuart Hall (2003) sobre as assimetrias entre os polos da codificação/decodificação em processos comunicativos com a presença midiática, é necessário pensar, desde o jornalismo em geral (e dentro do contexto do objeto aqui tratado), que aspectos incidem na configuração do *como* de sua comunicação, marcado de maneira determinante pelas afetações do produto sobre *o que* ele diz e para *quem* ele diz, bem como pelo jogo que se estabelece na “articulação entre os diversos fragmentos em circulação” (LEAL, 2006, p. 21) que habitam esse contexto.

No conjunto de aspectos de *Vida Simples*, que foi complementado por outros elementos “revistativos” (visuais, produtivos, “projetuais” etc.), à medida que buscamos traços de uma processualidade que perpassa a revista, incidindo, também, em sua especialização, uma espécie de costura, permeada por questões que ultrapassam sua especialização e

refletem suas afetações com a sociedade, ganha vida.

No desvelamento dos processos que caracterizam a revista e a constituem – como aqui brevemente apontado – aparece algo que interpela seu universo interlocutivo e que atua numa significação abrangente que condensa seus conteúdos em um processo comunicativo e informacional singular.

Em *Vida Simples*, a temática da qualidade de vida, ao incorporar a lógica jornalística da revista e ser por ela incorporada, faz esta se revestir de uma especialidade que incide sobre sua especialização, permitindo, do ponto de vista de nossa investigação, pensar a revista no *entre* de seu fazer e seu tema. Ou melhor, no encontro e tensionamento de ambos, pensá-la a partir daquilo que, de maneira específica, trama seus sentidos e práticas, reverberando sobre o seu todo, o seu modo de ser revista.

Assim, partindo de *Vida Simples* é que preferimos pensar – afirmando – a especialização jornalística como um 1) fazer (marcado por lógicas de público - audiência - e de produção textual e visual) que, acoplado 2) a temas (ligados a uma segmentação), dirá de uma especialização propriamente “revistativa”. Uma revista, nesse sentido, é especializada duplamente, mas, mais que isso, do terceiro que aí se forma, no qual se agregam outras questões é, ela mesmo, um produto singular, com uma “especialidade” própria, que marca e possibilita uma especialização.

| NOTAS

- 1 Uma definição clássica do jornalismo especializado, difundida pelos pioneiros de seu estudo na Espanha, diz: “*la especialización periodística es aquella estructura que analiza la realidad, proporcionando a los lectores una interpretación del mundo lo más cabada posible, acomodando el lenguaje a un nivel en que se determine el medio y profundizando sus intereses y necesidades*” (ORIVE; FAGOAGA, 1974, p. 69).
- 2 A imagem de capa é um ícone da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro e o texto do editorial inicia-se com um trecho da letra da música “Samba do Avião”. Ambos são utilizados para apresentar, na verdade, a matéria de capa que se refere a Jesus Cristo e que, também, está relacionada a um gancho temporal: as festas cristãs de fim de ano e a crença neste símbolo religioso.
- 3 Preferimos o uso do termo “distinta” no lugar de “limitada”, como aponta Gröth (In FAUS BELAU, 1965), por considerar que as características da revista, apesar de variarem em grau em relação aos jornais, como diz

o autor, possuem tal variação dentro de uma lógica de especificidades que não prescindem necessariamente de uma comparação com outros veículos para se constituírem.

I BIBLIOGRAFIA

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FAUS BELAU, Ángel. **La ciencia periodística de Otto Gröth**. Pamplona: Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra, 1966.

_____. Las revistas y su especialización. **Revista Española de la Opinión Pública**, n. 2, p. 127-134, 1965.

FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier; ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. **Fundamentos de la Información Periodística Especializada**. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.

FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia**. Barcelona: Paidós, 1993.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. **Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción**. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In _____. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003. p. 387-404.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In FRANÇA, França; GUIMARÃES, César. (orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006. v. 1, p. 19-28.

MARCHETTI, Dominique. Les sous-champs specialises du journalisme. **Réseaux**, Paris, n. 111, p. 22-55, 2002/1.

MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. **Periodismo V. Periodismo Especializado**. Gran Enciclopedia Rialp. Madrid: Ediciones Rialp S.A., 1991.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ORIVE, Pedro; FAGOAGA, Concha. **La especialización en el periodismo**. Madrid: Dossat, 1974.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**. Florianópolis: Insular, 2005.

QUESADA PÉREZ, Montserrat. **Periodismo Especializado**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1998.

SARMATZ, Leandro. **Entrevista** concedida em setembro de 2008. Porto Alegre, 2008.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de *Vida Simples***. 2011. 468 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2011.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; BERGER, Christa. Revista (Verbete). In MARCONDES FILHO, Ciro. (org.). **Dicionário da Comunicação**. São

Paulo: Paulus, 2009. v. 1, p. 310-311.

VILAS BOAS, Sérgio. **O Estilo Magazine**: o texto em revista. São Paulo: Ed. Summus, 1996.

Frederico de Mello Brandão Tavares é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bacharel e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou estágio de doutorado no exterior junto à Universidad Rey Juan Carlos (URJC, Madrid), Espanha. Atualmente é Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná.